

**A VISÃO HUMANIZADORA DE PAULO FREIRE:
por uma educação integradora do humano e do social**

Ailton Barbosa da Silva Morais¹

Nilo Agostini²

RESUMO

A presente pesquisa busca explicitar uma educação que seja ao mesmo tempo humanizadora e libertadora, integrando o humano e o social num processo de conscientização. Trata-se de uma produção teórico-qualitativa a partir da leitura das principais obras de Paulo Freire, a saber *Educação como prática da liberdade*, *Pedagogia do oprimido* e *Conscientização: teoria e prática da libertação* e de leituras complementares. Nelas, são centrais o conceito de liberdade, o processo de conscientização e a dialogicidade, sendo a práxis o modo próprio do ser humano intervir no mundo como sujeito crítico e responsável na história, aliando ação e reflexão.

Palavras-chave: Humanização. Educação. Conscientização. Paulo Freire

**THE HUMANIZING VISION OF PAULO FREIRE:
FOR AN INTEGRATING HUMAN AND SOCIAL EDUCATION**

ABSTRACT

This research seeks to explain an education that is both humanizing and liberating, integrating the human and the social in a process of awareness. It is a theoretical-qualitative production based on the reading of the main works of Paulo Freire, namely Education, The Practice of Freedom, Pedagogy of the Oppressed and Conscientization: Theory and Practice of Liberation, and complementary readings. In them, the concept of freedom, the process of conscientization and dialogicity are central, and praxis is the proper way for the

¹ Graduando do Curso de Direito da Universidade São Francisco (USF), Bragança Paulista. E-mail: ailtonbarbozamoraes@gmail.com

² Doutor em Teologia pela Universidade de Ciências Humanas de Strasbourg, França. Docente no Curso de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação na USF. nilo.agostini@usf.edu.br

human being to intervene in the world as a critical subject responsible in history, combining action and reflection.

Keywords: *Humanization, education, conscientization, Paulo Freire*

1 INTRODUÇÃO

Este texto tem por escopo buscar e captar, com base na filosofia educacional de Paulo Freire, a importância do papel da educação para o desenvolvimento do homem e da mulher em sua humanização. Busca igualmente captar os impactos causados na sociedade quando o ser humano passa de mero expectador da história a participante de forma livre e crítica, num processo de conscientização. Através deste processo, supera-se a alienação e a desumanização em meio à sociedade. Este itinerário tende a contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade justa, humana e igualitária. Buscam-se, assim, engajamentos concretos e não meras divagações, na busca de meios adequados para uma convivência entre os seres humanos, na busca da superação das desigualdades.

A educação é essencial para o desenvolvimento dos homens e das mulheres no seio da sociedade. A busca é por uma educação libertadora, efetuada por meio da práxis, enquanto “processo de ação e reflexão da mulher e do homem na história, no despertar de sua consciência crítica...” (Agostini, 2015, p. 1). Este processo de despertar faz da conscientização e da humanização o caminho para a criticidade, características estas enfatizadas pela metodologia educacional freireana. Abre-se, assim, a possibilidade de integração do ser humano e do social num caminho que é de humanização. Importa garantir aos homens e às mulheres a possibilidade de emersão, partindo da posição de mero espectador para a posição de sujeito, capaz de decidir crítica e eticamente o seu futuro. Em meio às justificativas defendidas por uma educação conscientizadora e integradora do ser humano e do social, é relevante destacar o caráter democratizador desta filosofia educacional, tendo

em vista a sua contribuição para a superação das desigualdades em nossa sociedade.

O caminho empreendido para a realização desta pesquisa, especialmente no que se refere à sua produção científica, consistiu na investigação e coleta de dados bibliográficos, interpretação dos textos pesquisados e redação de um texto sobre o tema escolhido. Este estudo teve como foco o aspecto humanizador e integrador do humano e do social propiciado pela educação, a partir de uma visão freireana e por meio de uma produção teórico-qualitativa.

2 A massificação que impede o ser humano de ser livre

Nesta parte, vamos explicitar os meandros de um contexto no qual impõe-se um controle social e tolhe-se a capacidade de emergência das massas, impondo-lhes, através da massificação, da exclusão e do medo da liberdade, uma alienação e uma domesticação para a perpetuação de uma ordem social opressora.

2.1 Massificação, exclusão e medo da liberdade

As elites responsáveis pela estagnação histórico-social do homem e da mulher exercem o papel de massificação destes, tolhendo-lhes a capacidade de sua emergência na situação de exclusão social, utilizando-se para isso de políticas assistencialistas, métodos educacionais e trabalhos puramente tecnicistas. Isto faz com que eles, homens e mulheres, sejam adestrados a determinadas tarefas ou funções muito restritas em seu dia-a-dia, sem que participem do processo como um todo, ou seja, incapazes de um olhar crítico, livre e abrangente. Notamos que essas práticas colocam uma espécie de venda que impossibilita a visão do mundo, retirando-lhes o que há de mais valioso enquanto seres humanos: a liberdade e a humanização.

As elites tendem a introjetar nas classes populares o sentimento de inferioridade, na medida em que estas classes são ultrajadas por suas posições sociais, vendo suprimidas suas possibilidades de emersão. As classes populares, ao se demonstrarem não resignadas com suas condições socioeconômicas e políticas, geram a reação das elites que, por sua vez, “tendem a silenciar as massas populares, domesticando-as com a força ou soluções paternalistas” (FREIRE, 1977, p. 88). É o que acontece com a massificação por meio de políticas assistencialistas, o que revela uma sociedade sectária e excludente.

Todas as formas de assistencialismo tiram do povo a possibilidade de participação em sua própria história como sujeitos, são relagados a objeto (FREIRE, 1977, p. 57). “No assistencialismo não há responsabilidade, não há decisão” (FREIRE, 1977, p. 58). Sem a participação ativa no “processo pedagógico que busca dar ao ser humano uma oportunidade de descobrir-se através da reflexão sobre a sua existência” (OLIVEIRA, 2007, p. 224), entendemos que não há possibilidade de emersão, autonomia, libertação e humanização dos homens e das mulheres. Tão logo, entendemos que uma sociedade não pode evoluir enquanto perdurar-se a massificação.

Ao contrário de soluções assistencialistas, o que de fato deve ocorrer para uma sociedade se tornar democrática e participativa é uma solução por meio de uma educação encorajadora, que proponha ao povo uma reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo e suas responsabilidades, educação que enseje a humanização (FREIRE, 1977, p. 59).

À luz de Freire (1977), entendemos que a solução para libertar o homem e a mulher da massificação, do adestramento e da acomodação, frutos da opressão, está numa educação humanizadora e libertadora, capaz de abrir novos caminhos, percorridos no diálogo com outros homens e mulheres, mediatizados pelo mundo.

Freire analisa de forma objetiva o “medo da liberdade” (FREIRE, 2016, p. 31), que pode se tornar um fator negativo na busca da liberdade, da criticidade e do processo de humanização. Tanto para o opressor como para o

oprimido este medo é existente, o primeiro por seu medo de perder a liberdade de oprimir e o segundo por seu medo de assumir a liberdade (FREIRE, 2016, p. 45). Através desta análise, nos chama atenção a dimensão alcançada por esta filosofia educacional que enseja a libertação do ser humano, sua humanização e o desenvolvimento da capacidade crítica, enquanto inerentes ao ser humano, ao seu modo próprio de ser.

Verificamos que a opressão pode estar fortemente enraizada no modo de viver do ser humano, de tal forma interiorizada que este passa a ter medo de assumir sua liberdade, resistindo até ao processo de conscientização, tido por alguns dentre estes como anárquico em razão de estar promovendo a consciência crítica, com ares tendenciosos e levando à desordem (FREIRE, 2016, p. 31).

O medo da liberdade instala-se nos homens e nas mulheres antes mesmo do processo de conscientização ou mesmo quando este está em curso, especialmente nos seus inícios, quando desafiados a dar os primeiros passos. Este medo é introjetado nas massas pelos opressores, sujeitando-as à acomodação, imobilizando-as e adestrando-as, num contexto que é de exclusão social. Como explicitaremos mais adiante, o homem ou a mulher que perfazem o caminho da conscientização entendem que o “medo da liberdade” (FREIRE, 2016, p. 31) pode ser superado quando a liberdade se torna uma conquista, central no processo de conscientização do ser humano e de sua humanização.

A exclusão social, por sua vez, “pode ser definida como limitação de acesso às condições de vida consideradas dignas dentro de critérios éticos com reclamos de universalidade” (STRECK, 2009, p. 552). Tal universalidade se traduz nas análises feitas por Streck a partir das obras de Freire, abordando a correlação do conceito de exclusão social com o de neoliberalismo; este é o causador da alienação de homens e de mulheres, incapacitando-os de serem sujeitos, e aquele propagador de desigualdades sociais. Harari (2015, p. 273) é

taxativo ao afirmar que “o capitalismo matou milhões por pura indiferença unida à ganânica”.

Estamos diante do “binômio exclusão social/inclusão social” (STRECK, 2009, p. 552). Verifica-se que, de fato, poucos são os incluídos, havendo um fator de “regulação social” (STRECK, 2009, p. 548). Aplicam-se políticas assistencialistas com o intuito de acalmar o clamor por emersão social, tolhendo a possibilidade das massas de emergirem de sua situação, perpetuando a ordem social de exclusão e de opressão, fazendo da alienação e da domesticação práticas correntes.

2.2 Alienação e domesticação

A alienação e a massificação são métodos constantes e reiteradamente utilizados pelos opressores para a manutenção do controle social, no que diz respeito ao poder por eles imposto. Para que tais métodos sejam eficazes, aplicam-se os meios mais diversos de “domesticação” (FREIRE, 2016) das massas, incluída a própria educação, que é colocada a serviço da alienação; esta, travestida de roupagens atraentes, de cunho conteudista e fazendo uso de tecnologias modernas, na verdade aliena, levando homens e mulheres ao estado de objetos.

A partir da alienação, seja ela imposta pela mídia, por meio de políticas assistencialistas ou ainda através da educação bancária, os opressores buscam manipular o povo e acalmar o clamor das massas, impedindo que haja mudanças na estrutura social. O que vemos, em consequência disso, é “em certo momento da experiência existencial dos oprimidos, uma irresistível atração pelo opressor. Pelos seus padrões de vida” (FREIRE, 2016, p. 68). Tão logo surge a vontade de imitá-los, de agir como opressor refletindo o que no oprimido estava entranhado.

O oprimido começa a libertar-se quando desvela sua condição e compreende a posição do opressor. Será de fato um sujeito livre quando for

capaz de libertar-se da sua condição de oprimido sem reproduzir o opressor “hospedado” (FREIRE, 2016, p. 68) dentro de si. Ou seja, não há em que se falar de liberdade do oprimido quando este reproduz em seus pares a opressão sofrida. Isto posto, destacamos que a alienação é um dos causadores da imersão dos homens e das mulheres na opressão que os imobiliza, pelo tolhimento de sua capacidade crítica, e da oportunidade de libertação e de humanização.

A domesticação, segundo Freire (2016), priva os homens e as mulheres da reflexão crítica, tolhem-nos em sua vocação de ser mais, sendo oprimidos, forçados à acomodação, fazendo com que sua capacidade de transformar o mundo seja reduzida ou até abolida; são levados à passividade, incapazes de criticidade em relação ao que ocorre à sua volta, sem poder despertar como sujeitos.

Constatamos que a domesticação se faz igualmente efetiva por meio de uma educação que, instrumentalizada, conduz o ser humano à condição de objeto. O desafio passa a ser o de compreender como esta educação é aplicada e qual é seu impacto na formação de homens e mulheres.

Neste sentido, Freire nos elucida acerca da educação bancária que, em sua visão, nada mais é do que um método alienador, na medida em que os educandos são “enchidos” de conteúdos por meio de narrativas (FREIRE, 2016, p. 79), nas quais a realidade aparece como estática ou por meio de discursos alheios à experiência existencial das pessoas. Isto vem a contribuir para uma educação conformista, não transformadora, já que o educador, por meio de sua concepção bancária, vem a influir para que o educando seja limitado apenas a gravar conteúdos transmitidos através da narração, sem entender sua real importância e seu significado, sem problematizá-los. O educando não reflete sobre sua vida, sobre o seu mundo, sendo incapacitado de investir-se na práxis e de refletir e agir sobre o lugar e seu papel no mundo em que vive; não partilha com os outros a sua vida, restando-lhe o confinamento, isolado do mundo e dos outros.

Freire vai além. Ele demonstra que uma educação bancária tem por consequência a inculcação de uma ideologia opressora causando a “...absolutização da ignorância que constitui o que chamamos de alienação da ignorância...” (FREIRE, 2016, p. 81). A concepção bancária de educação desumaniza, refletindo-se numa separação entre o mundo e o ser humano. Este não é transformador daquele, deixando de viver com o mundo e com os que nele estão. O ser humano acaba por ocupar um lugar de mero espectador e não de sujeito capaz de contribuir crítica e eticamente para a construção e a transformação deste mundo.

Isto posto, verifica-se em meio à análise de Freire, que a verdadeira intenção desta metodologia educacional bancária é a utilização da “educação como prática da dominação” (FREIRE, 2016, p. 92), na medida em que se mantém os educandos anestesiados em razão da acomodação gerada pelos conteúdos transmitidos através de “depósitos”. Estes conteúdos tiram dos educandos a sua capacidade de criticar e de se manifestar ante a contradição existente na sociedade, a começar pela relação desigual e domesticadora entre educador-educando. Esta metodologia implica na diferenciação entre ambos; um é o que sabe, o outro não; um é o que fala, o outro apenas ouve; um é o que decide, ao outro cabe concordar etc. Na verdade, o real conhecimento, o real saber (FREIRE, 2016, p. 81) se faz por meio da práxis, onde todos aprendem juntos, num constante processo de conscientização, na ação e na reflexão, tendo em vista a transformação dos homens e mulheres e do próprio mundo.

3. O processo de conscientização

Nesta parte, o nosso objetivo é apresentar a conscientização como tarefa da educação libertadora, numa interação entre ambas de mão dupla. Decorre disto um processo de humanização, sendo este o papel mais importante da educação.

3.1 Conscientização: tarefa fundamental da educação

Encontramos na pedagogia de Freire uma afirmação fundamental, teórico-prática, da centralidade da conscientização, muito presente em suas experiências educacionais. Nesta, a captação crítica dos acontecimentos histórico-sociais, próprios do mundo em que vivemos, tem relevância, pois se trata de uma ação e reflexão no despertar da mulher e do homem na história, enquanto alimentados por uma consciência crítica, apresentando-se como “sujeitos comprometidos com a transformação desta mesma história” (AGOSTINI, 2015, p. 1).

Este ser sujeito é comprometido com a transformação da sociedade, o que apota para uma inserção possibilitadora de humanização e de libertação. Em nossas pesquisas, ficou evidenciado o aporte que para isso traz a conscientização na pedagogia freireana, enquanto esta abre caminhos de libertação. Notamos, na obra de Freire, uma constante referência à criticidade do ser humano e ao seu papel na transformação da sociedade. Entrevemos aí a capacidade deste de superar o individualismo e de abrir-se às questões coletivas, capaz de desenvolver uma percepção crítica do mundo. É colocado em evidência o poder de transformação, de emersão dos homens e das mulheres, enquanto ocupam o lugar de protagonistas da história.

Esta conscientização, segundo Freire, realiza-se na práxis, numa interligação entre ação e reflexão. Não basta uma percepção ingênua da realidade, restrita a fatos isolados. É necessário uma percepção crítica da realidade, numa tomada de consciência das causas que produzem e reproduzem a situação de opressão, de acomodação e de marginalidade. Sem isto, pode-se cair numa consciência puramente mágica e ingênua, deixando de captar a causalidade dos fenômenos e sua correlação.

Neste sentido, Oliveira (2007, p. 221) refere-se à intencionalidade da consciência, abordada nas obras de Freire. Esta consciência tende a aproximar-se da realidade, percebendo-a, transformando-a. A partir de sua

intenção, desvelam-se os desafios impostos pelo objeto do conhecimento. “A consciência humana (...) é sempre consciência de alguma coisa” (OLIVEIRA, 2007, p. 221). Este processo permite a conquista do ser sujeito, bem como possibilita a capacidade de emersão social e de sua autonomia.

No entanto, não raro, estamos diante de uma “consciência intransitiva” (OLIVEIRA, 2007, p. 222), resultando na falta de responsabilidade histórica dos homens e mulheres que não vêem a significação das contradições existentes em sua realidade. As transformações da sociedade passam despercebidas. Em contraposição à intransitividade da consciência, está a “consciência transitiva crítica” (OLIVEIRA, 2007, p. 223); ela influi para que as mudanças na sociedade realmente ocorram; posiciona-se de forma responsável e crítica, comprometida com as mudanças.

Para chegar a este nível, faz-se necessário percorrer o caminho da conscientização; esta significa “tomar posse da realidade” (FREIRE, 1980, p. 29), fruto de uma consciência crítica, tecida num processo dialógico entre sujeitos histórico-culturais. Significa andar com os pés no chão, ou seja, inserir-se na própria história; é um processo que não se realiza como meros objetos, acomodados e submetidos, reflexo dos poderosos, chegando a interiorizar a própria opressão.

Entendemos que a conscientização seja entendida como “um processo pedagógico que busca dar ao ser humano uma oportunidade de descobrir-se através da reflexão sobre a sua existência” (OLIVEIRA, 2007, p. 224). Ela comporta passos concretos, enquanto “práxis, processo de ação e reflexão da mulher e do homem na história, no despertar de sua consciência crítica...” (AGOSTINI, 2015, p. 1).

Paulo Freire se opõe a uma educação mecânica, reflexa e bancária. Para ele, a educação apresenta-se como um ato de criação, capaz de gerar outros atos (FREIRE, 1980, p. 41), buscando participar dos processos históricos, numa emersão enquanto sujeito crítico da história e numa participação enquanto ator e/ou criador de cultura.

É de suma importância frisar que estamos diante de uma base educacional verdadeiramente libertadora do ser humano e integradora do social, numa intersecção de diversas áreas do conhecimento. Gostaríamos de destacar uma transcrição feita por Freire a partir dos arquivos do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife, onde o relato de um analfabeto ilustra de forma cabal a importância desta metodologia educacional, quando este afirma: “Quero aprender a ler e escrever para deixar de ser sombra dos outros” (FREIRE, 1980, P. 42). A partir desta afirmação, entendemos que de fato a significação desta filosofia educacional vai muito além de inspirações teóricas pautadas apenas nas críticas aos métodos impostos; ela aponta para um homem e mulher que deixam de ser meros expectadores e se apresentam como sujeitos; fazem-no junto com os outros sujeitos, em diálogo, acelerando as transformações necessários, interferindo na realidade em vista de sua humanização, de sua libertação, quer humana quer social.

A conscientização desenvolve a capacidade crítica do ser humano e aprofunda seu comprometimento ético, tornando-o capaz de perceber a importância de suas responsabilidades e de decidir sobre seu futuro e sobre o futuro de todos os que estão à sua volta. Reforça-se, assim, a vontade de participar democraticamente de um regime social que também lhes pertence, não sendo espaço exclusivo das elites, fazendo com que, deste modo, passem de puros homens e mulheres alienados e massificados a sujeitos capazes de tornarem-se livres, numa caminhada com os próprios pés.

3.2 O impacto de uma educação libertadora

Em nossa captação do pensamento e da prática de Freire, entendemos que o papel mais importante de tal metodologia educacional é o de humanização do homem e da mulher através do processo de conscientização, o que representa uma inserção lúcida na sociedade enquanto sujeito. Na medida em que vai se aplicando tal método educacional, notamos que diversas

barreiras vão sendo vencidas, alterando sua capacidade de percepção, de reflexão e de autorreflexão. Os pacotes prontos impostos quer pela mídia, quer por qualquer poder que venha a ser impor como fruto da opressão domesticadora, vão sendo desconstruídos. Deixa de existir uma só verdade que é imposta. Descobre-se que existe mais de um caminho. É como se o homem “sofresse” uma ampliação em sua mentalidade, mudando seu modo de ver a vida, passando a tornar-se cada vez mais sujeito de si. Estamos diante de um ser humano que transcende, supera, explicita a vocação de ser mais. Divisamos, então, os três pilares da educação freireana: humanização, conscientização e libertação do ser humano.

“A libertação autêntica, que é humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens (...), é práxis, que implica a ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 2016, p. 93). A partir desta afirmação, podemos tomar por base que o verdadeiro significado de uma educação libertadora não está pautado nem num otimismo ingênuo, nem numa aposta assistencialista, nem mesmo em sectarismos e fanatismos que se pautam no ódio. A libertação supõe o despertar do sujeito tanto crítico como ético; concretiza-se através da conscientização; pauta-se no diálogo; faz da práxis o caminho de transformação da sociedade.

Para o educador, a educação libertadora é fator de humanização. Ele entende que não há “doação” de saber (FREIRE, 2016, p. 86) e que seu papel é o de orientar, pacificar, não impor. Para isto, necessário se faz o “companheirismo” (FREIRE, 2016, p. 86) entre educador-educando, o que possibilita a transformação e a consequente humanização de todos.

A educação libertadora, segundo Freire, não pode se ater a métodos que simplesmente “depositam” conteúdos, pois seu verdadeiro sentido é de educar lendo o próprio mundo, problematizando-o, conhecendo-o criticamente; não há como se falar em alienação nesta metodologia educacional, pois a consciência da realidade nela se faz presente, uma “consciência intencionada ao mundo” (FREIRE, 2016, p. 97), sendo este uma mediação no processo de

educação entre os homens, tendo o diálogo um lugar de destaque. Nesta metodologia educacional libertadora baseada na dialogicidade, o educador compreende que ao educar também é educado por meio do diálogo, ou seja, todos aprendem juntos, todos descobrem juntos, todos pronunciam o mundo juntos. O processo é realizado com os pares, em comunhão.

Verifica-se, portanto, nesta metodologia libertadora, que a inquietação se faz presente, em contraposição à acomodação gerada pela falta de humanização, própria de uma concepção bancária, depositante de conteúdos. O caráter libertador desta pedagogia possibilita a tomada de consciência e, por consequência, a transformação do mundo pelo homem, de sua realidade, de sua vida. Por fim, ao falar-se de educação libertadora, fica evidente a intenção de conscientizar, não assistencializar. O que se propõe é o despertar da consciência crítica que leve o sujeito a ser autônomo, capaz de decisões éticas.

A luz da visão freireana, “a razão de ser da educação libertadora está no seu impulso inicial conciliador” (FREIRE, 2016, p. 82), buscando a contribuição para a superação das contradições existentes na sociedade. A educação que não seja libertadora e conscientizadora tem um caráter desumanizador, cercado o processo de humanização e de despertar crítico do ser humano.

3.3 A humanização através da conscientização

A pedagogia de Paulo Freire nos traz o significado e a importância da conscientização do ser humano, como vimos. Isto se realiza na práxis, numa captação crítica dos fenômenos sociais. Apresentam-se, é claro, dificuldades na aplicação de uma educação verdadeiramente libertadora. Constatamos que a problemática do tema não está baseada apenas na inserção de uma metodologia eficaz no âmbito educacional, mas sim na dificuldade de inserção de tal metodologia nas grandes massas, que são privadas de ter acesso a condições básicas de educação conscientizadora. Num primeiro momento,

estas grandes massas são impedidas pelas elites de decidir sobre seu próprio futuro politicamente, sendo, desta forma, desumanizadas. Não podem exercer seu papel de cidadão porque, para as elites, são tidas como incapazes, relegando-as à condição de mero expectador. Freire (1977), em sua concepção humanizadora, entende que desumanizar o ser humano, tolhendo nele seu poder de decidir, caracteriza uma sociedade não democrática, abrindo o caminho para a opressão, que fecha caminhos para os pobres, afastando destes a própria educação, na pronúncia do mundo, enquanto capacidade criticizadora.

Pode-se resvalar na “sectarização” (Freire, 1977, p. 51) quando há um déficit de conscientização, enquanto processo de ação e reflexão e de compromisso com as mudanças necessárias, no despertar da consciência crítica. Esta sectarização é inclusive alimentada pelas elites quando estas excluem os que são oprimidos dos papéis que lhes são de direito, como o de refletir, captar/pronunciar o mundo e criticar. Deste modo, o homem e a mulher passam a ser objetos, podendo ser manipulados, pois já não tem sua responsabilidade e seu poder de decisão. Neste caso, o processo passa a ser de desumanização, reduzido o homem e a mulher a meros espectadores, ouvintes passivos do que ocorre à sua volta, sem perceber a importância do que está ocorrendo e qual o impacto de tal acontecimento em sua vida. Falta-lhes a percepção da correlação entre os fatos, entre os acontecimentos do seu dia a dia. Instala-se, desta forma, a desumanização, tolhidos da oportunidade de superação da situação de opressão em que se encontram, isto nas dimensões política, econômica, social e cultural.

Como nos ensina Freire (1977), não é a educação que traz a conscientização e nem a conscientização que traz a educação. O que de fato ocorre é que, no processo de aprendizagem, a conscientização vem junto com a educação; ambas realizam-se simultaneamente. Uma está inserida na outra. Deste modo, nos resta evidenciar a importância da educação em relação à humanização do homem e da mulher, pois, na medida em que estes superam o

quietismo e vão se tornando lúcidos, escapam do adormecimento imposto pelas elites em sua forma de ver o mundo e de nele se inserirem. Assim, eles vão se tornando críticos e cada vez mais sujeitos de si, autônomos e capazes de refletir sobre seu lugar no espaço e no tempo. De fato, este é o papel mais importante da educação quando inserida e aplicada de forma democrática em uma sociedade e desempenhando seu papel principal que é o de conscientizar, libertar e humanizar o ser humano. A rigor, educa-se conscientizando e conscientiza-se educando. Há uma relação entre ambas em mão dupla.

4. O indispensável diálogo

Na pedagogia de Freire, o diálogo ocupa um lugar central. Ele é indispensável nas interações humanas, na pronúncia do mundo, na mobilização da práxis, sendo um instrumento vital para a conscientização.

4.1 A dialogicidade como instrumento da conscientização

Na pedagogia freireana, verificamos a importância do diálogo nos processos de aprendizagem e de educação em geral. O diálogo está intimamente ligado à práxis que, diferentemente de uma concepção bancária de educação, possibilita ao educando refletir sobre a realidade existencial, identificando os desafios que se apresentam, bem como discernindo as práticas necessárias para a transformação da sociedade. Um dos recursos para isso é a identificação de palavras geradoras, densas de sentido existencial porque próximas da vida concreta das pessoas, das comunidades.

As palavras não existem independentemente de sua significação real, de sua referência às situações. Freire nos ensina, a partir de sua metodologia de alfabetização, que, na “descoberta do universo vocabular” (FREIRE, 1980, p.43), retêm-se as palavras mais carregadas em seu sentido existencial, ou seja, as de maior conteúdo emocional, bem como as expressões típicas do

povo, como forma de falar, palavras ligadas a experiência do dia-a-dia do povo. Estes primeiros contatos podem revelar ansiedade, frustração, desconfiança e esperança. (FREIRE, 1980, p.43).

Essas são palavras verdadeiras, em contraposição às palavras ocas (FREIRE, 2016, p. 108); elas são utilizadas em função da reflexão e ação, pois, “não há palavra verdadeira que não seja práxis” (FREIRE, 2016, p.107).

O diálogo ocupa um lugar de destaque neste método educacional. Sendo uma metodologia de caráter existencial, não basta apenas estar no mundo, mas sim estar com ele e com as outras pessoas. Juntos, busca-se refletir, transcender, transformar, com a consciência de que suas atitudes se relacionam com tudo o que está à sua volta, tendo implicações na sua cultura e na sua história. Compreendemos, então, que “existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo” (FREIRE, 2016, p.108).

O diálogo apresenta-se como indispensável para transformar o mundo. Isto ocorre a partir das palavras verdadeiras e não ocas que propiciam a pronúncia do mundo em diálogo. Freire enfatiza, neste caso, o caráter transformador e conscientizador do diálogo em relação aos homens e ao mundo, uma vez que as palavras verdadeiras trazem consigo a ação-reflexão, convertendo-se numa “práxis” (FREIRE, 2016, p. 108).

O homem não existe sozinho no mundo, mas sim com ele e com todos os que nele estão, não sendo possível transformar a si próprio e ao mundo por meio do silêncio, numa posição quietista, satisfeito em assistir, mas buscando participar, num processo democrático, do seu processo histórico-social. Para isso, faz-se necessário que os indivíduos se comuniquem, aprendam, descubram e descubram-se. O diálogo com os outros passa a ser crucial para crescermos juntos, aprendendo uns com os outros e descobrindo a si mesmos.

4.2 O significado do diálogo nesta pedagogia

Freire nos ensina que o diálogo é o encontro dos homens mediatizados pelo mundo. É por meio das palavras geradoras, prenes de sentido existência, que se preparam as mudanças; o diálogo, por sua vez, tem o caráter de desentranhar a significação destas aos homens e às mulheres e mobilizá-los para as práticas transformadoras, no sentido da práxis.

O diálogo não para no sentido literal da palavra. Ele requer generosidade no ouvir e ser ouvido, numa relação de respeito e de harmonia na problematização do mundo. Deste modo, entende-se que todos estão no mundo, um ao lado do outro. Não há uns mais dignos que os outros ou uns acima dos outros. Não há imposição. O objetivo é libertar, não alienar. Não há assistencialismo no sentido de “doação” de novas palavras ao outro, pois seu objetivo é conscientizar, não domesticar. O diálogo revela-se “um ato de criação” (FREIRE, 2016, p. 110). Neste processo de descoberta contínua, a pronúncia do mundo somente dar-se-ia a partir do amor; logo, o diálogo estará totalmente garantido por suas relações de solidariedade verdadeira. Logo, a significação do diálogo inserido nas relações humanas reais, torna-se possibilitador da pronúncia do mundo por meio dos homens e das mulheres que vivem lado a lado na partilha do mesmo mundo.

Segundo Freire (2016, p. 110), a dialogicidade requer um ato de amor, uma vez que este ato se desdobra em doação e em compromisso. Sem isso, os homens e as mulheres não teriam a capacidade de respeitar-se uns aos outros, de ajudar-se, de libertar-se. Só a partir das relações humanas é que se faz possível a transformação, mediatizada pelo diálogo. Destaca-se o comprometimento necessário entre os homens para que possa haver a transformação de si e a transformação do mundo; logo, “o amor é compromisso com os homens... O ato de amor está em comprometer-se com sua causa” (FREIRE, 2016, p. 111).

Vale igualmente a pena ressaltar a importância da humildade no diálogo. A alteridade e a solidariedade se fazem presentes como pilares desta relação amorosa, não podendo os homens se promoverem e pronunciarem o mundo em detrimento uns dos outros. Estamos aqui diante de um papel a ser desempenhado por todos.

O diálogo implica em acreditar na sua vocação de ser mais, homens e mulheres crescendo juntos, transcendendo, num processo de superação, num aprendizado contínuo. O fundamental é acreditar no ser humano, tendo em vista a concepção de que a transformação dele e do mundo vai se dar através de suas ações e reflexões, através de sua práxis, fruto da união a caminho da libertação.

Este acreditar no ser humano é estar com ele antes mesmo que seja travado o diálogo, despertando a fé nos homens e mulheres dialógicos para que acreditem uns nos outros antes mesmo de se conhecerem (Freire, 2016, p. 112). Deste modo, os homens acreditarão em seu poder de transformar e modificar, de modificar-se e transformar-se, ou seja, em relação ao mundo e a eles mesmos.

O diálogo constitui-se numa base sólida para uma educação humanizadora e integradora do ser humano e do social. O verdadeiro homem dialógico aguça seu poder crítico, fazendo com que sua criticidade enxergue nos outros e em si mesmo os riscos da alienação, das posições quietistas, de acomodação, de opressão, estas muitas vezes interiorizadas como reflexo do opressor. Ao mesmo tempo, este pensar crítico percebe a realidade, problematiza-a e capta o lugar do ser humano em constante devenir, fazendo-se e refazendo-se como ser histórico-social.

4.3 Diálogo e interação humana

Cabe-nos destacar as relações humanas tecidas no diálogo como indispensáveis para a conscientização, a humanização e a libertação dos homens e das mulheres, enquanto mediatizadas pelo mundo.

Busca-se aqui o aprimoramento de condições intrínsecas ao ser humano enquanto ser inconcluso, em “permanente movimento de busca do ser mais” (FREIRE, 2016, p. 101). Neste movimento, o amor torna-se a condição essencial para se ver no outro e expressar a solidariedade, numa fé nas pessoas, enquanto condição necessária para acreditar no poder de transformar o mundo e de ser mais. A confiança no outro, para juntos pronunciarem o mundo, torna-se um indispensável caminho educacional, com seu grau de importância mensurado de forma concreta. Afirma Freire (2016, p. 71): “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão”.

Na medida em que o educador verdadeiramente revolucionário tende a captar a importância das condições acima, passando assim a aprimorá-las junto aos educandos, torna-se fácil a percepção de que por meio desta educação libertadora é impossível a aplicação de um ensino puramente tecnicista e meramente conteudista e/ou bancário. Juntos, estes homens e mulheres terão sua humanidade aprimorada por meio do diálogo e, finalmente, tomarão consciência de seu lugar e de seu tempo no mundo, para que, desta forma, cada vez mais possam pronunciá-lo, transformá-lo, transformando-se a si mesmos.

O objetivo será sempre o de humanizar e o de integrar o ser humano e o social, num processo que seja conscientizador em busca da libertação, tendo presente a essência do diálogo. Freire aposta no diálogo, nas relações humanas, na tomada de consciência do mundo, pronunciando-o. Tece considerações precisas na aplicação de uma educação transformadora que

contribua para o crescimento do homem e da mulher, numa inserção lúcida no social.

Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes... Porque é encontro de homens que pronunciam o mundo...; é um ato de criação (FREIRE, 2016, p. 109-110).

5. Considerações finais

Esta pesquisa respondeu a algumas questões vivenciadas desde a Escola pública, no período do ensino fundamental e no ensino médio. Na época, a experiência vivida foi de um ensino conteudista, cujas temáticas eram distantes da vida real. Quando se ousava questionar os professores, a resposta era a de que deveríamos seguir os métodos do professor, sob pena de receber alguma advertência e/ou de sofrer algum castigo. Essa resistência encontrada nos professores e nas coordenações e direções em geral provocava descrença no sistema de ensino. Porém, lá no fundo, havia uma chama de esperança que teimava em permanecer viva. Sem esboçar claramente o que se queria, havia um desejo incontido de encontrar novos métodos pedagógicos, uma nova maneira de lidar com o ensino, um novo modo de vivenciar e educação.

De fato, não estávamos sendo capacitados para decidir nossos futuros crítica e eticamente; éramos limitados a permanecer em nossas posições, mais por acomodação e resignação. Era-nos apresentado um ensino defasado em razão de uma série de fatores, aplicado por meio de uma metodologia educacional que não visava aprimorar nossas relações humanas, tampouco nossas ações e reflexões sobre nosso lugar na história. Deste modo éramos impedidos de emergir.

Apesar desta vivência educacional, não nos foi tirada a ânsia de descobrir alternativas na sistemática educacional demasiadamente conteudista e, até diríamos, desumanizadora. Por esta razão, ao dar início à vivência

educacional no ensino superior, nos engajamos numa pesquisa que acreditamos ser capaz de contribuir para a superação das desilusões vivenciadas no início da jornada escolar. Iniciamos uma nova etapa que foi a de buscar a aplicação de uma metodologia educacional problematizadora. Decidimos, então, que era o momento de iniciar um longo caminho, o que, acreditamos, nos levará a uma nova compreensão de mundo, de valores e principalmente de ações que nos farão um sujeito em permanente formação na busca de ser mais. Nos colocamos abertos para as transformações em nós mesmos, em diálogo com os outros, mediados pelo mundo, colaborando juntos para as necessárias mudanças em nossa sociedade.

A presente pesquisa veio nos abrir um horizonte novo, no sentido de uma educação transformadora, não apenas no sentido cognitivo, mas sobretudo capaz de propiciar ferramentas que permitem decidir qual futuro queremos, escrevendo pela práxis a história do presente. Decorre disto ações concretas, fruto de um compromisso feito com os pés no chão, encharcados pelas realidades que tocam a nossa vida, através de uma leitura lúcida, crítica e ética do mundo.

Freire nos trouxe a importância de uma educação verdadeiramente libertadora. No seu modo de ver, a educação é que abre a oportunidade de superar as atuais contradições da sociedade e transcender para uma sociedade justa, livre e democrática em seus mais diversos âmbitos, diminuindo os riscos de um regresso da sociedade. Destaca-se o papel da educação em meio às contradições da sociedade, bem como dos educadores que, na visão de Freire, seria transmitir conhecimento e práticas sem imposições, através de um processo de conscientização na partilha da vida e de seus desafios. O caminho é o da conscientização, mantida “a relação consciência-mundo, sem separá-las, na criação de uma nova realidade que, por sua vez, volta a ser objeto de reflexão crítica” (AGOSTINI, 2015, p. 14).

Esta pedagogia baseia-se em relações concretas (FREIRE, 2016), onde o fazer e o agir tornam-se imprescindíveis, na busca da superação das

mazelas proporcionadas pela opressão. Logo fica evidenciado o caráter existencial deste itinerário pedagógico, que permeia as relações dos homens e das mulheres consigo mesmos, com os outros e com o mundo, estando com eles, não apenas sendo um mero ouvinte ou espectador do que acontece a sua volta ou, pior, meros receptáculos de uma opressão interiorizada.

Freire demonstra que o caminho para a liberdade do homem e da mulher está pautado na humanização. Em sua visão, tal caminho a ser traçado por estes em busca da humanização, é algo que lhes pertence por direito. A humanização, como vocação do homem, é objeto do ser mais que, em contrapartida, tem que superar a possibilidade da desumanização. Este é um fato concreto na história, gerado pelos opressores, que induz a ser menos (FREIRE, 2016, p. 40).

No entanto, para que se fale em humanização como um caminho para a libertação dos homens, há de se admitir ao menos a condição existente da desumanização, que impede os homens de serem livres. A desumanização está intimamente relacionada com os opressores, que retiram “a vocação dos homens de serem humanizados” (FREIRE, 2016, p. 40). Deste modo, cria-se o efeito do ostracismo, sem questões semânticas a serem discutidas, que desde a primeira metade da década de 1960 foi identificado em nossa sociedade brasileira. Ostracismo este gerado pela negação aos homens e às mulheres das grandes massas de serem humanizados, trazendo consequências nefastas para a sociedade, como o cerceamento imposto a estes de serem protagonistas de suas vidas, de escreverem suas próprias histórias, sendo obrigados a permanecerem em uma posição de meros espectadores. Isso impedia que nossa sociedade evoluísse, na medida em que os homens e as mulheres eram impedidos de exercerem seus papéis político-sociais.

Entretanto, para que a desumanização seja de fato superada, há de se superar a “contradição opressores-oprimidos” (FREIRE, 2016, p. 48), criando as condições, deste modo, para que se realize a libertação dos homens e das mulheres nesta sociedade. A tomada de consciência das contradições

existentes aguça o sonho de libertação e o desejo de humanização, sobretudo quando o ser humano descobre sua condição de oprimido.

Para Freire, não basta apenas que o oprimido descubra sua posição e a lute pela sua liberdade, para que de fato esteja ele livre. É necessário, conforme enfatizado por este educador, que os oprimidos “se entreguem à práxis libertadora” (FREIRE, 2016, p. 49). Não basta apenas que o opressor entenda sua posição para que de fato esteja livre. Para que isto ocorra, necessário se faz a compreensão de que os oprimidos são “homens concretos” (FREIRE, 2016, p. 50). Não basta apenas a solidarização para com os oprimidos, pelo fato de sua opressão. Existe a necessidade do que Freire chama de “ato de amar” (FREIRE, 2016, p. 50); nele, os próprios opressores são convidados a se abrirem à verdadeira solidariedade, propiciando a libertação a todos, opressores-oprimidos juntos.

Para que de fato haja a humanização de todos, esta pedagogia não pode ser difundida como obra dos opressores, em razão de seu caráter humanizador (FREIRE, 2016, p. 56). Freire entende que o próprio oprimido, ao humanizar-se, passa a levar a humanização aos opressores, que também são desumanizados pelo fato de oprimirem. Ou seja, no caminho desta pluralização da humanização, o oprimido tem de entender que o seu papel de libertação é também o de libertar os opressores da opressão por eles praticada.

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Nilo. **Prática da liberdade e ação libertadora**. A arte de educar em Paulo Freire. In: 37ª Reunião da ANPED, 2015, Florianópolis. Trabalhos - 37ª Reunião da Anped. Florianópolis: ANPED, 2015. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/wpcontent/uploads/2015/02/Trabalho-GT17-4416.pdf> . Acessado em 23/05/2016.

V. 20 N. 1 ISSN 1517-848x e 2446-9874

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e prática da libertação**. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 62 ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2016.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: Uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: L&PM, 2015.

OLIVEIRA, Paulo César; CARVALHO, Patrícia de. A intencionalidade da consciência no processo educativo segundo Paulo Freire. **Paidéia**, v. 37, n. 17, 2007, p. 219-230.

STRECK, Danilo Romeu. Da pedagogia do oprimido às pedagogias da exclusão: um breve balanço crítico. **Educação & Sociedade**, v.30, n.107, maio/ago 2009, p. 539-560.